



IMPLICAÇÕES DA SEXUALIDADE E REPRODUÇÃO NO ADOLESCER SAUDÁVEL*

SEXUALITY AND REPRODUCTION: IMPLICATIONS IN THE PROCESS OF HEALTHY ADOLESCENCE

IMPLICACIONES DE LA SEXUALIDAD Y REPRODUCCIÓN EN EL PROCESO DE LA ADOLESCENCIA SALUDABLE

Adelita Campos Araújo¹, Valeria Lerch Lunardi², Rosemary Silva da Silveira³, Maira Buss Thofehrn⁴, Adrize Rutz Porto⁵, Deisi Cardoso Soares⁶

Este estudo objetivou compreender a percepção de adolescentes acerca de seu processo de adolecer saudável, no que se refere à sexualidade e reprodução. Trata de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória, realizada com 10 adolescentes, em uma escola estadual no sul do Rio Grande do Sul, entre agosto e outubro de 2007. Para a coleta dos dados, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, cujo conteúdo foi submetido à análise temática, surgindo o tema: Sexualidade e reprodução na adolescência. Diante dos dados, percebeu-se que é preciso proporcionar mais orientações para um adolecer saudável, no sentido de fortalecer e favorecer a segurança necessária ao adolescente no exercício da sua sexualidade e reprodução. Evidenciou-se também a necessidade de preparo do adolescente, seja por profissionais da saúde, da educação ou familiares, para o enfrentamento de algumas situações, tais como: gravidez indesejada, primeira relação sexual, automedicação, receio de conversar com os pais sobre sexualidade, dentre outras.

Descritores: Enfermagem; Saúde do Adolescente; Adolescente; Sexualidade; Comportamento Reprodutivo.

This study aimed to understand the perceptions of adolescents about their process of healthy adolescence with regard to sexuality and reproduction. This is a qualitative research of exploratory type, involving 10 teenagers, in a state school in southern Rio Grande do Sul, between August and October 2007. To collect the data, were used semi-structured interviews, whose contents were subjected to thematic analysis, emerging the theme: sexuality and reproduction in adolescence. At the data, it was noticed the need to provide more guidelines to a healthy adolescence, in the sense of strengthening and promoting the necessary security for the exercise of adolescent sexuality and reproduction. It also showed the need to prepare the adolescent by professionals of health, of education or the family, to face some situations, such as: unwanted pregnancy, first sexual intercourse, self-medication, fear of talking to parents about sexuality and reproduction, among others.

Descriptors: Nursing; Adolescent Health; Adolescent; Sexuality; Reproductive Behavior.

El objetivo fue comprender las percepciones de adolescentes acerca del proceso de adolescencia saludable con respecto a la sexualidad y reproducción. Investigación cualitativa, exploratoria, con 10 adolescentes, en escuela pública del sur del Rio Grande do Sul, Brasil, entre agosto y octubre de 2007. Para recolectar los datos, se utilizaron entrevistas semiestruturadas, sometidas al análisis temático: sexualidad y reproducción en la adolescencia. Se observó que es necesario proporcionar mayores directrices para adolescencia saludable, fortaleciendo y promoviendo seguridad a adolescentes en el ejercicio de sexualidad y reproducción. También ha necesidad de preparar al adolescente, sea por profesionales de la salud, de la educación o la familia, para enfrentamiento de situaciones como embarazo no deseado, primera relación sexual, automedicación, miedo a hablar con padres acerca de la sexualidad e reproducción, entre otros.

Descriptor: Enfermería; Salud del Adolescente; Adolescente; Sexualidad; Conducta Reproductiva.

*Artigo extraído da Dissertação de Mestrado intitulada: Adolecer saudável na ótica de adolescentes, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), em 2008.

¹Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela FURG, Brasil. Professora Assistente I da Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Pelotas, RS, Brasil. E-mail: adelitacam@hotmail.com

²Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela UFSC. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da FURG. Rio Grande RS, Brasil. E-mail: vlunardi@terra.com.br

³Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela UFSC. Professora Adjunta do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Rio Grande, RS, Brasil. E-mail: anacarol@mikrus.com.br

⁴Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela UFSC. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pelotas RS, Brasil. E-mail: mairabusst@hotmail.com

⁵Enfermeira. Mestre em Enfermagem (UFPel). Pelotas RS, Brasil. E-mail: adrizeporto@gmail.com

⁶Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem pela UFPel. Professora Assistente II da Faculdade de Enfermagem da UFPel. Pelotas RS, Brasil. E-mail: deisiyi@bol.com.br

INTRODUÇÃO

O processo de adolecer engloba o modo como o adolescente vive e desenvolve-se, juntamente com conhecimentos e valores construídos ao longo de sua própria trajetória de vida. Esse processo pode acontecer de maneira saudável, se os indivíduos forem atendidos em suas necessidades de desenvolvimento e segurança, já que a adolescência é o período caracterizado por transformações físicas, sociais e psíquicas, em que as pessoas estabelecem novas relações no meio familiar e social⁽¹⁾.

Nessa perspectiva, procurando compreender o adolecer como um fenômeno social é preciso considerar a realidade de vida dos adolescentes, uma vez que podem ser influenciados, nos diferentes contextos - culturais, religiosos, econômicos e educacionais, nos quais estão inseridos, pelos valores, crenças e estilos de vida⁽¹⁾. Eles estão expostos a variadas situações vulneráveis, como a violência, o abuso de álcool, drogas e, em alguns casos, a situação econômica desfavorável e ao comportamento sexual⁽²⁻³⁾.

No que se refere à sexualidade, vê-se que os adolescentes a têm vivenciando de múltiplas maneiras, sendo relevante conhecer suas necessidades acerca dessa temática, de modo a sanar suas dúvidas e auxiliá-los no preparo para uma vida sexual segura. Os processos de descobertas do corpo, as mudanças hormonais, a constituição de vínculos, o estabelecimento de sentimentos e desejos na adolescência colaboram para a exacerbação da sexualidade, algo que é íntimo, pessoal, envolve sentimento, modo de se comportar, agir junto ao parceiro, incluindo o sexo propriamente dito e o hábito de cuidar da própria saúde sexual.

Além disso, nessa fase da vida são aguçadas também algumas discussões sobre tópicos ligados à reprodução, como: gravidez precoce, método anticoncepcionais, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outros. Sendo assim, o desenvolvimento

corporal, que ocorre nessa fase, aliado ao afloramento da sexualidade, requer abordagem de questões ligadas a essa temática com atenção especial, pois é durante a adolescência que eles interrogam, descobrem e asseguram sua personalidade frente aos seus pares⁽⁴⁾.

Faz-se, então, necessário o adolescente buscar e obter amparo acerca dos assuntos inter-relacionados com a sexualidade, em diversas referências, como na família, na escola ou com profissionais da saúde. Dessa forma, é preciso rever práticas de saúde e educação que estejam direcionadas a esta parcela significativa da sociedade⁽⁵⁾.

É importante compreender a percepção dos adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade e reprodução, dentre outros aspectos considerados relevantes para um adolecer saudável. Tal iniciativa poderá facilitar a elaboração de ações e estratégias de saúde a fim de atingir essa população, alertando famílias, profissionais de saúde e de educação acerca dos acontecimentos que poderão interferir no processo de adolecer saudável, além de identificar as dúvidas mais recorrentes entre adolescentes diante dessa temática.

Diante do exposto, a questão que norteou este estudo foi: Qual é a percepção dos adolescentes sobre sexualidade e reprodução?

MÉTODO

Conhecer a percepção de adolescentes acerca de seu processo de adolecer saudável exigiu uma aproximação maior com os sujeitos do estudo, de modo a compartilhar significados, crenças, valores e modos de viverem a sua sexualidade. Por isso, optou-se por um estudo exploratório com abordagem qualitativa, desenvolvido em uma escola pública, localizada na cidade de Pelotas no sul do Rio Grande do Sul.

Os participantes do estudo foram dez adolescentes, na faixa etária entre 12 e 18 anos,

conforme define o Estatuto da Criança e Adolescente⁽⁶⁾. O número de sujeitos entrevistados também foi determinado pela repetição dos dados, ou seja, quando os dados, de modo mais consistente, produziram informações redundantes⁽⁷⁾. Esses pesquisados ainda foram selecionados a partir de critérios, como: cursar série final do ensino fundamental ou série inicial do ensino médio; e permitir o uso do gravador durante a realização da técnica de coleta de dados. Os dados foram colhidos nos meses de agosto a outubro de 2007.

O instrumento de pesquisa utilizado para coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, realizada na própria escola dos pesquisados. Várias questões fizeram parte da entrevista, dentre elas: O que é adolescência para você? O que é para você ser um adolescente saudável? O adolescente enfrenta dificuldades nesse período da vida? Os registros resultantes das entrevistas foram transcritos, ordenados, categorizados e analisados, a partir da análise temática, emergindo o seguinte tema: Sexualidade e reprodução na adolescência.

Na realização do estudo, foram obedecidos os preceitos éticos estabelecidos na Resolução Nº 196/96, sobre pesquisa envolvendo seres humanos⁽⁸⁾. A proposta de trabalho foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa na Área da Saúde da FURG/CEPAS (Parecer nº 30/2007). Para garantir o anonimato dos sujeitos, os mesmos foram identificados por nomes fictícios. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado pelo adolescente e por seu responsável legal.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sexualidade e reprodução na adolescência

Conforme o adolescente expressa a sua sexualidade, ele pode estar mais vulnerável a comprometimentos de sua saúde, tornando-se imprescindível o planejamento e implementação de

ações voltadas especificamente a esse período de vida, no intuito de promover condutas sexuais seguras⁽⁹⁾, tais como: discussões sobre práticas sexuais, medidas de prevenção da gravidez precoce, métodos anticoncepcionais e algum outro assunto sobre o qual o adolescente sinta a necessidade de informar-se visando obter comportamentos benéficos.

Nesse sentido, as relações construídas visando o exercício saudável da sexualidade precisam contemplar ações que contribuam para o adolescente sentir-se estimulado e à vontade para expor suas dúvidas, vivências, e para buscar fontes de apoio, seja com seus familiares, seja com profissionais da saúde.

A estes cabe oferecer materiais didáticos, proporcionando-lhes a instrumentalização necessária para vivenciarem sua sexualidade livre de danos à saúde. Portanto, para a efetivação de comportamentos saudáveis, é necessário entender o que os adolescentes almejam, pensam, conhecem sobre sua sexualidade, na perspectiva de elaboração de estratégias, que promovam saúde e bem-estar, entendidos como fundamentais para o desenvolvimento humano⁽¹⁰⁾.

Sendo assim, por se tratar de um período delicado, ao iniciar a vida sexual, os adolescentes podem vivenciar momentos marcantes, permanecendo receosos diante da nova experiência: *Nós ficamos bem nervosos; eu, principalmente, fiquei bem nervoso* (Belo).

Insegurança e medo podem fazer parte das descobertas sexuais, pois o adolescente que discute o tema com sua família e no ambiente escolar traz consigo uma gama de informações, como: a importância do uso do preservativo, o receio de contrair uma doença sexualmente transmissível ou de engravidar, o fato de talvez não se sentir preparado para uma relação sexual e interação íntima com o outro.

Essas sensações mesclam-se com as emoções percebidas pelo adolescente, quando deseja se relacionar sexualmente pela primeira vez. Assim, a

relação sexual pode ser vista como mais uma oportunidade de aprendizagem entre parceiros, que se conhecem e se autoconhecem, visando uma relação pactuada, responsável e efetiva⁽¹¹⁾.

Nesse sentido, as orientações sexuais, no decorrer dessa etapa da vida, são indispensáveis, uma vez que o adolescente precisa tentar adquirir a segurança necessária, perceber que sua vida sexual está se iniciando e que dispõe de amparo, seja da família, de professores ou de profissionais da saúde, que lhe ofereçam ajuda para cuidar-se e vivenciar esse momento com a maior naturalidade possível, preferentemente sem medos ou traumas.

Para os adolescentes, a virgindade é entendida como um fator mais psicológico e social do que físico, caracterizando desde épocas mais antigas, a pureza da mulher, ou seja, que a mulher ainda não se entregou a ninguém fisicamente, cultivando sua castidade. Uma participante destaca aspectos relacionados a esse ponto: *com 13 anos acho que não é bom, com mais idade, eu já acho que é melhor, não importa muito a idade, mas eu penso que quando tu achar que estás pronta, eu não sei, porque eu não me achei pronta ainda. A maioria das gurias já não é mais virgem na adolescência, é bom, elas não devem ser mais virgens. Não vais deixar para perder a virgindade quando fores velha e nem quando criança. Acho que a adolescência é para ti fazer isso mesmo, não é que seja bom na adolescência, mas é que todo mundo faz, a maioria das gurias* (Princesa).

Mediante relato da adolescente, é possível perceber a ideia de que há um período mais apropriado à primeira relação sexual, o qual deverá ocorrer na adolescência. Entretanto, entende-se a precocidade de fazê-lo aos 13 anos de idade. Nesta perspectiva, cabe mencionar que o contexto social tem muita influência, pois, se "*a maioria das gurias*" deixa de ser virgem no início da adolescência, ao iniciar suas relações íntimas afetivas apenas quando se sentirem preparadas para isso, é uma responsabilidade que poucas adolescentes estão em condições de assumir.

Dessa forma, o fato de ser e manter-se virgem parece ser objeto ora de questionamento, ora de aceitação; ora como manifestação de despreparo para o exercício da sua sexualidade ou como algo ultrapassado, aparentemente não mais sendo aceito por seus pares. Essa aparente pressão social exercida pelos próprios adolescentes pode predispor os a uma precocidade na iniciação sexual, por receio de exclusão por parte de seu grupo de convívio ao admitirem que ainda não experienciaram sua primeira relação sexual⁽¹²⁾.

Nesse aspecto, é preciso pais, professores e profissionais da saúde se dispor a tentar desmistificar essa ideia, expondo aos adolescentes a importância de se sentirem preparados para viverem sua sexualidade, reconhecendo-se bem e seguros com seus parceiros, identificando neles condições para compartilhar sua intimidade, possíveis dúvidas, incertezas, momentos de amadurecimento para ambos, e não apenas alguém para se relacionar intimamente, de modo a ser igual aos demais do seu grupo e, portanto, com condições de ser plenamente aceito no seu grupo de convívio.

No decorrer das entrevistas, alguns adolescentes abordaram ainda, a questão da gravidez na adolescência e sua implicação para com o adolescer saudável: *perde as coisas boas da vida, que ele não tem nem pra si, como é que ele vai dar pra um filho? E, ainda, põe um inocente para passar necessidade* (Príncipe). *A adolescência, ela deve ser aproveitada de uma maneira que, no futuro, tu tenhas o que dar para os teus filhos. Adolescência é um tempo de estudar acredito que tu deve ter um filho quando tu tiveres preparada para isso. Na adolescência tu estás estudando, aí arranja um filho, para de estudar, não tem condições de ao menos alimentá-lo, leite, nem nada* (Amiga).

Os sujeitos entrevistados parecem cientes da responsabilidade e dos compromissos decorrentes de uma gravidez na adolescência, pois associaram a ocorrência desse evento à interrupção da fase vivida, frente às dificuldades de aproveitar, por exemplo, a oportunidade de poder se dedicar apenas a estudar.

Na percepção dos entrevistados, o adolescente precisa se desenvolver física e psicologicamente para ser pai ou mãe, preparando-se também profissionalmente, através da escolarização, para poder subsidiar seus filhos na formação e no seu desenvolvimento adequado.

Sendo assim, a gravidez na adolescência pode ocasionar mudanças na vida, especialmente da adolescente, diante das múltiplas exigências familiares, sociais e culturais, pelas alterações advindas com a gestação⁽¹³⁾. A maternidade, nesse período da vida, pode ser uma razão para que ela se afaste da construção do seu próprio futuro, ao ter que interromper a sua vida escolar; além disso, o retorno aos estudos ocorre em menores proporções, bem como se torna difícil a profissionalização e, conseqüentemente, o ingresso no grupo da população economicamente ativa, agravando as condições de vida de famílias, que já podem se encontrar em situação econômica desfavorável⁽¹⁴⁾.

Diante do exposto, é relevante levar em consideração, nas ações direcionadas à prevenção da gravidez na adolescência, o conhecimento dos chamados fatores predisponentes ou situações precursoras dessa, tais como: "baixa autoestima, dificuldade escolar, abuso de álcool e drogas, comunicação familiar escassa, conflitos familiares, violência física, psicológica e sexual, rejeição familiar pela atividade sexual e gravidez fora do casamento"^(15:443). Algumas adolescentes enfrentam essa circunstância, optando, inclusive pelo aborto, alegando a necessidade da prevenção à gravidez indesejada, a imoralidade da questão e o encargo gerado a partir da gravidez, para com o seu filho e sua família⁽¹⁶⁾.

Há que destacar que, na maioria das vezes, a gravidez na adolescência não é planejada pelas adolescentes, seja pela carência de conhecimentos relacionados à concepção e à anticoncepção, pelo difícil acesso aos serviços de saúde e aos profissionais de

saúde, pela busca do objeto de amor, ou mesmo da experiência sexual⁽¹⁷⁾.

Já, durante a gestação, torna-se relevante o suporte por parte dos pais, familiares, companheiros, especialmente quando estes reconhecem a necessidade de assumir a paternidade. A acolhida por pessoas próximas à adolescente torna-se fundamental, pelo fato de ela estar vivenciando um período extremamente delicado, com repercussões não apenas para si, mas para outro ser, que poderá vir a ser cuidado por alguém sem experiência de vida. Por isso a importância da adolescente receber o apoio, o qual contribui para que ela não visualize a possibilidade de abortamento, e isso se constituir em mais um risco a sua saúde.

Nesse sentido, é imperiosa a necessidade de disponibilizar aos adolescentes informações e, ao mesmo tempo, oportunizar a reflexão acerca da gravidez indesejada e dos seus múltiplos riscos, para que, mais conscientes das implicações de uma gestação não planejada para a sua vida escolar, profissional e social, utilizem métodos contraceptivos da maneira correta, reduzindo falhas no seu emprego e desfrutando de uma vida sexual segura.

Destaca-se, ainda, nas falas de alguns dos pesquisados, o uso indiscriminado de pílulas anticoncepcionais, em que as adolescentes nem sempre procuram orientação de um profissional de saúde da atenção básica (médico ou enfermeiro) para decidir sobre a escolha de um método anticoncepcional adequado para si e seguro, o que remete a automedicação e de suas implicações para a saúde: *Porque a minha mãe, no caso, já sabia da minha irmã, aí ela já me deu os remédios. Porque a minha mãe, ela é secretária, então ela sabe das coisas por estar no meio de médicos (Rainha). Porque eu vi que ele, além de ser bom pra menstruação, é bom também pra prevenir a gravidez eu mesma resolvi tomar e comprei o remédio (Amiga).*

Com vistas a prevenir a automedicação, uma alternativa adequada seria propor discussões junto aos adolescentes no ambiente familiar, na escola e até

mesmo nas instituições de saúde, como nas Unidades Básicas de Saúde (UBS), sobre gravidez indesejada, métodos anticoncepcionais, relações sexuais, doenças sexualmente transmissíveis. Esses debates poderiam dar-se através de dinâmicas de grupos, distribuição de material didático, palestras e durante as consultas de enfermagem, quando o adolescente procura a UBS para revisões de rotina, atualização do calendário vacinal ou na presença de adoecimento.

Em contrapartida, percebe-se a iniciativa de algumas mães em relação à compra e administração da pílula anticoncepcional. Esse comportamento pode justificar-se em função do medo que apresentam em relação a uma possível gestação em um período impróprio da vida de suas filhas, como no caso da adolescência. Assim, na tentativa de evitar riscos, preferem fornecer a medicação, mesmo sem aconselhamento profissional e prescrição médica. Segundo dados de pesquisa realizada nos Municípios de Limeira e Piracicaba (SP), cujo objetivo foi determinar a prevalência da automedicação em crianças e adolescentes, foram evidenciados que, em relação à automedicação, 51% dos medicamentos foram aconselhados pela mãe, 7,8% pelos pais, 20,1% pelos atendentes da farmácia, 15,3% derivaram do uso de prescrições médicas antigas e 1,8% ocorreram por influência dos meios de comunicação⁽¹⁸⁾.

Por outro lado, sabe-se que aspectos socioeconômicos favorecem a propagação da automedicação, episódio este que se tornou um problema de saúde pública⁽¹⁸⁾. Nesse âmbito, foi possível evidenciar que, no contexto social, "as ações e valores dos indivíduos com significados para os adolescentes determinam e influenciam de forma expressiva o comportamento sexual a ser seguido por estes", bem como o uso de anticoncepcionais^(10:581).

A automedicação efetuada entre as adolescentes pode também estar associada à falta de diálogo com

seus responsáveis sobre o exercício da sexualidade e anticoncepcionais, quando percebem que os pais não se mostraram receptivos e disponíveis para discutir esse assunto: *Ah, remédio, porque, até às vezes eu falo no assunto, mas quando eu vejo que ela vai falar alguma coisa não muito boa, mudo o assunto vou falar que é pra regular ah, sempre tem as desculpas* (Amiga).

A revelação ratifica a importância do diálogo entre pais e filhos na formação e preparação destes últimos para o exercício saudável da sexualidade. Essa conduta pode auxiliar o adolescente a desmistificar aspectos relacionados à sexualidade como algo errado e eliminar o receio de que possa vir a sofrer repressão e punições por suas colocações e questionamentos sobre o assunto.

Isso talvez ocorra pela "ausência de preparo por parte dos pais em conversar sobre a questão, não estando dispostos a escutá-las e discutir o assunto^(19:113)". Desse modo, essas adolescentes optam por iniciar sua vida sexual sem orientação prévia e, quando buscam subsídios, podem fazê-lo tardiamente.

Constatamos, também, alguns recursos utilizados pelos estudantes na busca por informações acerca da sexualidade e comportamento reprodutivo: a família, a televisão (matérias em programas televisivos e documentários), profissionais da saúde, postos de saúde, a escola, entre outros: *Através da televisão, na propaganda, às vezes no programa Fantástico, às vezes eu olho a matéria em um programa de igreja da rede Record* (Amigo). *Postinho, minha mãe, a ginecologista* (Fada). *Tem sempre um projeto na rua, falando sobre a importância da camisinha, no centro entregam até camisinha e conversam contigo, e tem muitas palestras também, assisto a muitas palestras* (Amiga).

Os relatos apontam para diversas medidas adotadas pelos adolescentes, visando à ampliação de conhecimentos, que se refletirá em condutas condizentes no exercício da sexualidade. A televisão propaga exemplos, através de novelas, propagandas ou filmes, dita normas e modelos de comportamentos que influenciam de maneira intensa crianças e adolescentes, ao introduzir atitudes e pensamentos que poderão

conduzir sua vida adulta. Outras mídias, do mesmo modo, podem desempenhar um papel relevante, por meio da divulgação de assuntos interessantes, importantes e úteis para os adolescentes, de maneira a contribuir com seu desenvolvimento saudável e construção da sua cidadania⁽¹¹⁾.

Conforme mencionado, pais e profissionais da saúde também auxiliam na instrumentalização dos adolescentes. Logo, tanto pais como os profissionais de saúde e educadores devem estar preparados para sanar e discutir dúvidas acerca de diversas circunstâncias que compõem a sexualidade e comportamento reprodutivo no adolecer, estando disponíveis para o diálogo e tornando tal conduta uma constante no cotidiano da família.

Essas medidas poderão contribuir não somente para o cuidado com a sua saúde, como também serão capazes de prevenir interrupções na vida estudantil, pessoal e social do adolescente. Para o alcance desse sucesso, percebe-se como fundamental saber as necessidades do adolescente, reconhecer o que este almeja para si, de modo a capacitar-se a tomar decisões; refletir e ponderar não apenas sobre o que está vivendo naquele período, mas considerar que as experiências vivenciadas na adolescência, como sua iniciação sexual, poderão ter repercussões em sua construção como sujeitos, a partir da adolescência^(10,20).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do estudo pode-se perceber que a sexualidade é entendida pelos adolescentes, como uma fase de descobertas, com a perda da virgindade, o envolvimento emocional com o outro, as primeiras relações sexuais, o uso de anticoncepcionais, dentre outros aspectos evidenciados. Logo, foi possível perceber que os adolescentes possuíam informações importantes para o desempenho seguro da sua sexualidade, sendo necessário não descuidar de práticas

e estratégias usadas para reforçar hábitos adequados para o adolecer saudável.

Os adolescentes demonstraram que buscam esse conhecimento, através de programas e documentários televisivos, palestras, orientações junto à família e com os profissionais em unidades básicas de saúde. Aludiram, ainda, ao conhecimento sobre preservativos, no que se refere ao tema sexualidade e reprodução, o que é relevante diante do risco de transmissão sexual de doenças, como a Aids.

Todavia, foi mencionado o uso indiscriminado de contraceptivos orais, adotado como automedicação, sem orientação profissional adequada, através de proposição da mãe ou por iniciativa das próprias adolescentes, o que pode decorrer pela falta de diálogo sobre sexualidade.

Entretanto, parece existir a consciência das implicações de uma gravidez precoce e indesejada, principalmente relacionada às questões socioeconômicas, o que é apontado pelos sujeitos como um evento que pode prejudicar o processo de adolecer saudável, associado à interrupção dos estudos, refletindo-se em piores condições econômicas e de vida.

Sendo assim, é indispensável que os profissionais de saúde valorizem e ampliem ações de promoção à saúde sexual na escola, oportunizando a disseminação de conhecimento aos estudantes. Estimulem o diálogo no ambiente familiar e nas instituições de saúde (Unidades Básicas de Saúde, Hospitais, etc.), contribuindo para que os adolescentes usufruam de uma vida sexual saudável, não apenas nessa etapa de sua vida, mas também na fase adulta.

Nesse sentido, torna-se imperioso discutir e repensar a atuação do profissional de enfermagem junto a essa população seja no ambiente escolar, nas unidades básicas de saúde ou nas instituições hospitalares, uma vez que o enfermeiro, quando ciente das necessidades desse cliente, poderá direcionar seu

cuidado de maneira adequada, favorecendo o alcance dos resultados esperados, tanto pelo profissional quanto pelo adolescente.

REFERÊNCIAS

1. Hoffmann ACOS, Zampieri MFM. A atuação do profissional da enfermagem na socialização de conhecimentos sobre sexualidade na adolescência. *Rev Saúde Pública*. 2009; 2(1):56-69.
2. Muza GM, Costa MP. Elementos para a elaboração de um projeto de promoção à saúde e desenvolvimento dos adolescentes – o olhar dos adolescentes. *Cad Saúde Pública*. 2002; 18(1):321-8.
3. Torres CA, Barbosa SM, Pinheiro PNC, Vieira NFC. A saúde e a educação popular com adolescentes. *Rev Rene*. 2010; 11(4):47-56.
4. Ressel LB, Sehnem GD, Junges CF, Hoffmann IC, Landerdahl MC. Representações culturais de saúde, doença e vulnerabilidade sob a ótica de mulheres adolescentes. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. 2009; 13(3):552-7.
5. Ferreira MA, Alvim NAT, Teixeira MLO, Veloso RC. Saberes de adolescentes: Estilo de vida e cuidado à saúde. *Texto & Contexto Enferm*. 2007; 16(2):217-24.
6. Brasil. Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o estatuto da criança e do adolescente. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, 16 Jul 1990. Seção 1. Brasília; 1990.
7. Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad Saúde Pública*. 2008; 24(1):17-27.
8. Ministério da Saúde (BR). Conselho Nacional de Saúde. Comitê Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Bioética*. 1996; 4(2 supl.):15-25.
9. Gomes R, Assis SG, Souza ER, Deslandes SF, Njaine K, Malaquias JF. Informações e valores de jovens sobre a AIDS: avaliação de escolares de três cidades brasileiras. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2005; 10(2):381-8.
10. Brêtas JRS, Ohara CVS, Jardim DP. O comportamento sexual de adolescentes em algumas escolas no município de Embu. *Rev Gaúcha Enferm*. 2008; 29(4):581-7.
11. Heidemann M. Adolescência e Saúde: uma visão preventiva. Para profissionais de saúde e educação. Petrópolis: Vozes; 2006.
12. Gubert D, Madureira VSF. Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2008; 13(Supl. 2):2247-56.
13. Figueiredo B, Pacheco A, Costa R, Magarinho R. Gravidez na adolescência: das circunstâncias de risco às circunstâncias que favorecem a adaptação à gravidez. *Int J Clin Health Psychol*. 2006; 6(1):97-125.
14. Phipps MG, Sowers M. Defining early adolescent childbearing. *Am J Public Health*. 2003; 92(1):125-8.
15. Yazlle MEHD. Gravidez na adolescência. *Rev Bras Ginecol Obstet*. 2006; 28(8):443-5.
16. Ressel LB, Landerdahl MC, Andolhe R. Assistindo mulheres adolescentes: um relato de experiência. *Rev Gaúcha Enferm*. 2006; 27(1):109-16.
17. Levandowski DC, Piccinini CA, Lopes RCS. Maternidade adolescente. *Psicol Estud*. 2008; 25(2):251-63.
18. Pereira FSVT, Bucarechi F, Stephan C, Cordeiro R. Automedicação em crianças e adolescentes. *J Pediatr*. 2007; 83(5):453-8.
19. Cavalcanti APLS, Zeni AP, Pinheiro EB, Pessoa FPLS, Barbosa EMS. Aspectos psicossociais de adolescentes gestantes atendidas em um serviço público da cidade do Recife. In: Ramos FRS, Pereira SM, Rocha CRM. Projeto Acolher: um encontro da enfermagem com o adolescente brasileiro. Brasília: ABEn; 2000. p. 112-8.
20. Mazzini MLH, Alves ZMMB, Silva MRS, Sagim MB. Mães adolescentes: a construção de sua identidade materna. *Ciênc Cuid Saúde*. 2008; 7(4):493-502.

Recebido: 11/10/2011

Aceito: 02/02/2012